DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

AVEIRO

18-NOVEMBRO-1961

ANO OITAVO

NÚMERO 369

CRISÂNTEMOS

Conta uma velha lenda japonesa
A origem dos crisântemos, e diz
Que a carne virginal duma princesa
Foi seu canteiro, e o coração raiz.

Morrendo de saudade e de tristeza,
Essa princesa eternamente quis
Legar à terra um sonho de beleza
Que a não deixou em vida ser feliz!

E o sonho, abrindo em flor, transfigurado,
E' o sol que beija a campa do finado
No sôpro espiritual duma oração...

— Verdade ou não, é encantadora a lenda,
Que tem a graça ingénua duma renda
Desse país de lenda que é o Japão!

Carlos de Morais

Carta de Lisboa

por GONÇALO NUNO

O IV Salão de Arte Moderna abriu ontem as suas portas na Sociedade Nacional de Belas Artes. Era de esperar encontrar lá o que encontrámos: uma Exposição sem pináculos, monótona, fraquinha.

A menos de um mês do grande acontecimento plástico — a II Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian — a abrir em Dezembro nos pavilhões da Feira das Indústrias Portuguesas, era de esperar não encontrar nos salões da SNBA as estrelas de primeira grandeza do nosso firmamento picturial. Reservaram-se essas para o momento mais alto que o próximo mês nos trará. Está certo. Quanto a nós, o que está errado é a flagrante proximidade dos dois acontecimentos artísticos num meio como o nosso que vive períodos longos de dieta artística. Havia, por isso, que os espaçar de forma intencional e bem vincada, não só para regalo do público como para o próprio enriquecimento dos dois Salões.

Assim... os próprios coleccionadores com poder aquisitivo preferem, naturalmente, aguardar Dezembro para levarem a mão à carteira.

CHEGOU a Lisboa o primeiro frio soprado lá de trás do tal sistema Montejunto-Estrela, tão em voga nos boletins meteorológicos da Emissora Nacional. E bem soprado vem ele, atirando-nos para longe aquele conceito outonal duma suavidade de

Continua na página 7

UMA FOLHA DE AGENDA

Pelo Dr. FREDERICO DE MOURA

OU sou eu que deixei acinzentar a visão cobrindo tudo de penumbra, ou realmente anda meio mundo apostado em matar no homem todo o vestígio de quentura humana...

Tem a sua razão de ser este desabafo num dia assim como o de hoje, triste, com um céu pesado como chumbo e em que um sujeito me procurou — ao que parece — com o fim de me fazer a demonstração de que os valores afectivos de pouco valiam... e nada contavam...

Um glaciar desceu sobre a conversa e o diálogo ficou entrecortado de reticências cautelosas, sincopado de lacunas onde as palavras não cabiam e onde as ideias estiolavam com a raiz descarnada. Ora nada me desagrada mais do que topar com um interlocutor com atitudes que signifiquem o apelo à conivência das esquinas e a dar indícios que signifiquem que me está a semear pregos no caminho...

As arcas encoiradas daquele visitante, que tacteava a frase com cuidados de ilusionista e que pisava o chão com hesitações de quem receava poços sem fundo no caminho, sideraram em mim toda a possibilidade de colaboração na troca das ideias... azedando-me o resto do dia já de si triste e crepuscular; aquela atitude prospectiva que sondava o terreno, milímetro a milímetro, receoso de cair em ciladas que não existiam, aqueles gestos suspensos à espera de um indício que lhe encorajasse a expressão dos pontos de vista, deram a todo o diálogo um ar de devassa cautelosa a servir de propedêutica à possibilidade de uma opinião.

Ora nada se quadra menos com a minha maneira de ser do que esta posição híbrida, que sonda o próximo antes de opinar e que, quando opina, o faz no meio de tal entulho de palavras almofadantes que a gente tem de se estafar a extrair ganga para ficar com alguma coisa na palma da mão.

Gosto muito de conversar. Poderei mesmo ajuntar que a conversa é das coisas que mais reconfortam o meu espírito, quando a conversa

Continua na página 7

CATANGA

— uma vítima do Ocidente

Por M. LOPES RODRIGUES

QUANDO em Julho do ano passado, através do noticiário febril e perturbante dos acontecimentos do Congo, começou a ser revelado ao Mundo o nome de Moisés Tshombé, ninguém lhe prestou, na altura, demasiada atenção.

Era um desconhecido nos meandros das atitudes revolucionárias dos anti-colonialistas afro-asiáticos e julgavam tratar-se, tão-sòmente, de um arrivista eventual e audacioso no xadrez da política congolesa, um qualquer aventureiro de ocasião que conseguiu o apoio de uns tantos sobas e outras tantas tribos, ainda não submetidas aos desígnios dos mandatários da agitação, e com os quais queria chamar para Catanga os direitos de um novo Estado independente, que para tal detinha todas as condições favoráveis, pois tratava-se da parte territorial mais rica de todo o Congo.

Mas não tardou que a atitude de Tshombé chamasse as atenções gerais, pois enquanto por toda a parte — por todo o Congo em efervescência e em luta —, implacàvelmente e odiosamente, se perseguia e exterminava o branco e tudo o que era de sua pertença e se assistia aos nefandos horrores das mais violentas lutas tribais, em Catanga mantinham-se indemnes as Missões, as escolas e as fábricas... e tudo o que representava a actividade civilizadora de muitos anos. E neste ambiente, que era um exemplo de orientação política e administrativa, Moisés Tshombé declarava-se inimigo do Comunismo.

Esta declaração, revelando a firmeza de um carácter e cuja sinceridade não ocultava a ver-

Continua na página 2

DESENHO DE POMPÍLIO SOUTO

SECÇÃO DE JORGE MENDES LEAL

A Desforra de Zaira

Caríssimo:

Escrevo do palácio de Zaira, algures neste Mundo. Pode você imaginá-lo dentro de uma visão cinemascópica, com palmeiras, tâmaras, camelos, minaretes, cimitarras e, ao fundo, uma orquestra americana que toca o «Mercado Persa» em ritmo de *slow-fox*.

Nunca ouviu falar de Zaira? Deve saber, no entanto, que o rei Hassan de Marrocos, homem de cultura nìtidamente europeia, que veste pelos alfaiates de Paris e lê o «Reader's Digest», se converteu à monogamia e fez encerrar as douradas portas do harém imperial. Zaira, a dos olhos enluarados, a dos tornozelos de ginete, a dos quadris carregados de certa volúpia fina, descendente capitosa e ágil dos tuaregues do deserto, era a odalisca n.º 7 do soberano marroquino. No dia do despedimento, com a ameaça do desemprego impendendo sobre a sua cabecinha mansa de pássaro de gaiola, ela ainda se prosternou meigamente aos pés do amo — uns pés inéditos, surpreendentemente rudes, onde um par de sólidos botins ingleses tinha substituído o gracioso chinelo dos velhos *leaders* da moirama.

— Eu quero ficar contigo, Senhor!

Não se dignou Hassan tirar a sua régia atenção do cachimbo novo, que nesse momento atulhava com tabaco «Greyhound». E ordenou ao secretário que chamasse o tesoureiro.

— Mustafá, meu amigo, faz contas com esta senhora.

As contas, sim, foram liquidadas com a munificência dum autêntico príncipe do Crescente. E começou aí a desforra de Zaira. Quantas noites Sua Magestade, egoísta, a lançara nos suores negros do ciúme e da raiva, preferindo-lhe os encantos duvidosos duma grega remelada ou de uma espanhola sem vergonha! Quantas vezes, numerada e vulgar como um cavalo das coudelarias do Estado, se vira trocada por uma qualquer que os engajadores do amor haviam trazido das areias da Cirenaica ou das margens do Nilo, das casas de chá de Hong-Kong ou dos *night-clubs* de Nova Iorca!

— Agora — disse aos seus botões mais íntimos — é a minha vez de poder escolher!

Presentemente, e mau grado o meu ventrezinho pimpão e as minhas orelhas desmedidas, sou a odalisca n.º 14 da princesa Zaira, dona exclusiva deste palácio e deste seu amigo. Que vida, meu caro, que vida! Vendi as minhas farpelas de cheviote num adeleiro de Tânger, ofereci o meu relógio de dezassete rubis a um mendigo de Rabat, abandonei as apostas do Totobola e, sobretudo, já não corro o risco terrível de ouvir a Emissora Nacional. Visto uma túnica de brocado, onde as bordadeiras de Alexandria entreteceram, com fios de ouro e púrpura, as flores mais radiantes do jardim de Alah. Calço borzeguins de seda, leves e macios, como o beijo duma virgem. O escol dos vinhos mediterrânicos é-me servido em taças de prata ao almoço e ao jantar, com santolas à libanesa, faisões de importação, galinholas, bácoros de mama recheados a preceito por um antigo cozinheiro do Xá Reza-Pahlevi. E, nos intervalos, jogo *damas* e *bridge* com os camaradas. Somos vinte e nove — brancos e pretos, amarelos e vermelhos, loiros e morenos, magros e gordos, alegres e taciturnos, esqueléticos e musculados, feios e belos, inteligentes e cretinos. Em todos a requintada Zaira encontra a centelha que de súbito a galvaniza, o infinitesimal pormenor que, nas madrugadas altas da paixão, lhe dedilha e sublima não sei que corda recôndita.

Em matéria de liberdade, temos aquela que é a melhor, aquela a que eu, graças a Deus Nosso Senhor, já estava decentemente habituado — a bendita liberdade de dizer que sim. Zaira sabe, prevê, determina, escolhe, premeia, castiga, manda. Tão-pouco nos oprime, como lhe faziam a ela, com uma guarda de eunucos. Estamos vigiados por meninas, simpáticas meninas de rosto agradável, formas harmoniosas, pele de cetim, lábios de romã, pestanas de reposteiro. E apenas sucede que Zaira, como elementar medida de precaução, as obriga a trazer um cinto de castidade — de bom fabrico, aliás, muito bonito e bem cromado, em nada inferior àqueles que tiveram de usar as fidelíssimas esposas de Godofredo de Bulhão e doutros grandes senhores da Cristandade. A propósito: não o sei onde é que a marota costuma pôr as chaves dos referidos cintos, e por isso lhe peço encarecidamente que veja se me arranja aí uma gazua. Pode remeter-ma pelo correio, como amostra sem valor — embora se trate justamente de uma coisa que, para nós, tem um valor inestimável...

São 22 horas. Era minha intenção alongar-me muito mais. Acaba de acontecer, porém, um facto de certo modo inesperado, pois ainda não há oito dias que eu... Bem, chegou agora mesmo a camareira-chefe e, com a malícia do costume, largou no silêncio da sala as palavras sacramentais:

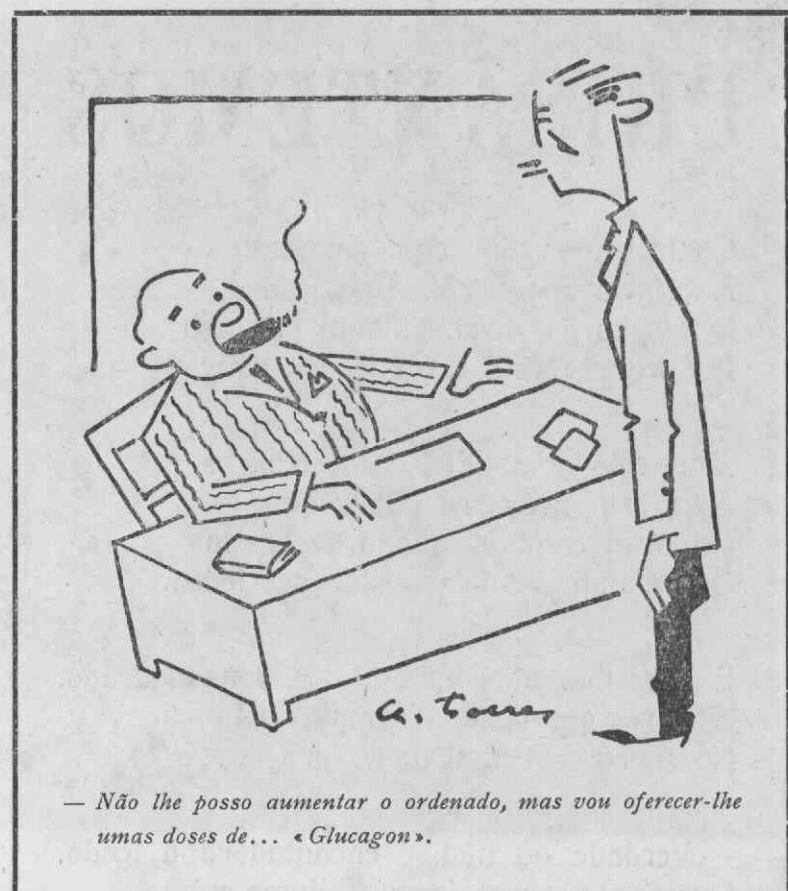
— Sr. Pedrosa. A Senhora chama.

Deixa-me ir tomar um banho de água de rosas...

Abraça-o efusivamente o velho amigo

Zózimo Pedrosa

NOTA — Pede-se aos leitores o obséquio de acompanharem nas crónicas seguintes, o desenvolvimento deste sensacional assunto.

— Não lhe posso aumentar o ordenado, mas vou oferecer-lhe umas doses de... «Glucagon».

CATANGA

uma vítima do Ocidente

Continuação da primeira página

dade, foi o bastante para lhe acarretar o anátema do «mundo progressista».

Desde esse momento Tshombé ficou só e tudo se conluiou para o aniquilar.

Os belgas que lá haviam ficado tornaram-se causa de mais incentivas acusações contra si, pois de todos os lados era feita a afirmação, sem dúvida capciosa, dissolvente e desgastadora, de que se encontrava, como um boneco de palha, ao ignóbil serviço dos «escravizadores» do Congo.

Daí em diante, colocado em apertado cerco, foram vãos e inglórios todos os seus denodados esforços para manter a paz no seu país e assistia-se às mais paradoxais atitudes dos entendimentos internacionais, pois enquanto Lumumba e os seus sequazes eram recebidos na ONU, em Washington e em Londres, quando ainda não se havia esclarecido a posição efectiva dos elementos dirigentes da ordem política do Congo, os delegados de Tshombé, numa situação de direitos equivalentes, recebiam os mais graves enxovalhos em todas as chancelarias, com as quais lealmente desejavam entender-se para esclarecerem devidamente, na emergência dos acontecimentos, a razão que assistia a Catanga.

Mas ninguém se interessou em os atender e escutar, nem por elementar cortesia, para que não fossem os auditores apodados de favorecerem o jogo infame dos «colonialistas». E as pressões exercidas contra ele e contra a independência do seu território foram de tal maneira violentas que Moisés Tshombé, a despeito de tudo, nunca conseguiu para o seu Governo um reconhecimento que merecia, e mais até, por todos os seus direitos, que muitos outros estados afro-asiáticos.

Apenas triunfou — embora efèmeramente — quando em Tananarive se reuniram todos os dirigentes do Congo (com excepção dos lumumbistas do Governo de Stanleyville), conseguiu fazer vingar a sua tese sobre a criação de uma Federação dos Estados do Congo.

A desfazer este sonho de momento, sucedeu-se a morte de Lumumba — o homem cínico e satânico que insultou o rei Balduino nas festas da independência e fez com que se desencadeassem as maiores violências humanas no infortunado Congo — e embora se não saiba como de facto morreu, a verdade é que a sua morte aniquilou para sempre as esperanças de Tshombé em obter qualquer aplauso do mundo afro-asiático e dos chamados «políticos progressistas», tanto mais que ao lado destes, apoiando-os, agora para quebrarem a sua resistência valorosa, apostaram-se, estranhamente, as forças da ONU, que haviam sido destacadas para o Congo para imporem a ordem e a paz.

Foi após esta atitude das Nações Unidas e com o fim de se conseguir um pretexto a justificar uma intenção enérgica e aniquiladora que se decidiu enviar um ultimato a Tshombé para que este fosse a Leopoldville entrevistar-se — que o mesmo era submeter-se — com os dirigentes do Governo central, sabendo-se de antemão que o chefe do Catanga não iria, por saber a sorte que o esperava. Como era evidente, perante este gesto, promoveu-se imediatamente uma implacável campanha de acusações, provocações e insultos, dispondo-se, nesta altura, as forças da ONU a darem o golpe de misericórdia na sua autoridade e influência.

Pela primeira vez, desde que existiam, as Nações Unidas intervieram não para obterem um cessar de fogo mas para fazerem estalar um conflito armado. E tudo lhes pareceu tão fácil que já se haviam preparado, prèviamente, e feito já correr pelo Mundo os comunicados dando a notícia de que «a secessão de Catanga havia terminado... que Catanga era, daí em diante, apenas uma província do Congo sobre a autoridade do Governo de Leopoldville»

Pareceu ser o fim; mas ainda não.

A golpes de vontade, de energia e de audácia, Catanga continua a afirmar-se independente e Moisés Tshombé continua ainda a ser o seu chefe.

Com certeza que não será por muito tempo. Todavia, a despeito de toda a espécie de impossibilidades com que o rodeiam, a obstarem a sua acção e o seu patriótico propósito de fazer um Estado forte e um país próspero, continua a jogar, embora desesperadamente, o seu futuro político.

Sem dúvida que tem cometido erros — mas tenhamos a franqueza de dizer, porque compreendemos e reconhecemos a força da sua luta, as angústias dos seus desesperos — esses erros não justificam o abandono em que o deixou o Ocidente — tanto mais que era deste amigo, a perfilhar a sua civilização e com a qual pretendeu alinhar, corajosamente, sem sofisma, a política de Catanga — sobretudo os Estados Unidos, que aprovaram oficialmente, a acção das Nações Unidas nesta condenável operação.

Por infelicidade, os mentores da política do Ocidente continuam, desastrosamente, a cometer erros graves na sua política internacional.

M. Lopes Rodrigues

OS PROBLEMAS DO SAL

— No caminho das justas soluções

POR virtude do que neste semanário se tem escrito sobre os problemas salineiros e das exposições enviadas aos srs. Secretário de Estado do Comércio e Presidente da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, aquele ilustre membro do Governo manifestou o desejo de ouvir um representante do *Litoral*.

A conferência realizou-se em Lisboa, no dia 8 do corrente, e a ela assistiram, por sugestão nossa, dois produtores salineiros da Figueira da Foz.

Houve então o ensejo de dar a conhecer ao sr. Secretário de Estado do Comércio alguns factos que ignorava e de esclarecê-lo sobre outros que andavam deturpados, e isto o determinou a tomar imediatamente as medidas que se impunham para a justa solução do problema dos preços do sal de Aveiro e da Figueira da Foz.

A sorte dos produtores salineiros nortenhos, tão longamente e tão duramente prejudicados, passou a outras mãos, as do sr. Dr. Alberto Marques Mano Mesquita; e alguns funcionários da Comissão Reguladora deslocaram-se prontamente a Aveiro e à Figueira da Foz, para estudarem com os interessados o momentoso problema.

Logo na madrugada do dia 12, o *Litoral* tinha o prazer de informar, através de boletins afixados em lugares públicos, o seguinte:

«PREÇOS DO SAL—Três funcionários superiores da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos têm estado em Aveiro a estudar, com uma comissão de proprietários, marnotos e técnicos, o problema dos preços do sal. Durante as reuniões, que terminaram ontem à noite, o difícil estudo fez-se em espírito de franca colaboração, havendo-se chegado a resultados que devem permitir, finalmente, resolver o problema com o acerto e justiça que todos (funcionários da Comissão Reguladora, proprietários e marnotos) manifestaram desejar».

Foi exaustivo o trabalho dos delegados da Comissão Reguladora, srs. Dr. Alberto da Silva Ribeiro, Dr. Emílio Lopes Junqueira e João Ferreira da Silva, que, em sucessivas e demoradas reuniões, em Aveiro e na Figueira da Foz, apreciaram o problema com inexcedível meticulosidade.

Em Aveiro, e após uma reunião efectuada no salão nobre da Câmara Municipal, constituiu-se uma comissão, da qual faziam parte os proprietários srs. Dr. Victor Manuel Machado Gomes, Eng.º Carlos Gamelas Gomes Teixeira, Dr. António Christo e Eng.º José Gamelas Júnior, e os marnotos srs. Domingos da Silva Cravo Novo, Plácido Rito Nunes, João da Costa e Joaquim Gonçalves da Loura, e que era assistida pelo sr. Eng.º Carlos Manuel Ferreira da Maia, a quem se devia já um cuidadoso estudo sobre os custos da produção no Salgado de Aveiro; na Figueira da Foz constituiu-se uma comissão semelhante, de proprietários e marnoteiros, da qual faziam parte, entre outros que não conhecemos, os srs. António dos Santos Lima e Dr. João Gordilho da Silva Bagão, autor de um honesto estudo sobre os custos da produção naquele Salgado.

O problema fundamental (pois outros existem e foram equacionados durante as reuniões) era o da revisão dos preços do produto: a Comissão Reguladora sustentava que o preço de 240$00 por tonelada, tardiamente fixado em 1960, *é compensador*; os interessados defendiam que tal preço *não é compensador* para o sal da safra deste ano e já *não era compensador* para o da safra de 1960.

Após os estudos agora realizados, verificou-se muito claramente que a razão estava do lado dos produtores salineiros.

*

Para sustentar que o preço de 240$00 por tonelada *é compensador*, a Comissão Reguladora fundava-se no estudo de um funcionário seu, o sr. João Ferreira da Silva, técnico cuja competência e probidade nos foi dado admirar.

Esse estudo foi concluído *em 11 de Janeiro de 1961* e assentava em elementos relativos ao custo da produção *durante a safra de 1960*.

Não se apercebeu a Comissão Reguladora de que, tendo aumentado do ano passado para este ano as verbas determinantes daquele custo, desde logo o preço de 240$00 por tonelada, julgado *compensador* para o sal produzido em 1960, passava a ser *não compensador* para o produzido em 1961.

Mas, como se verificou, os elementos de que aquele distinto funcionário se serviu para determinar o custo da produção durante a safra de 1960 *estavam errados*.

Sem dúvida, o técnico sr. João Ferreira da Silva esforçou-se, tanto quanto a exiguidade do tempo e o imperfeito conhecimento do meio lho permitiam, por colher dados *exactos*, que pudessem conduzi-lo a uma conclusão segura: em face dos que obteve, e salvo alguns pormenores porventura discutíveis, seria de admitir que o preço de 240$00 por tonelada era compensador, para o sal da safra de 1960. Simplesmente, e sem curar agora da complexidade de um estudo desta natureza, a verdade é que os seus informadores — não importa aprofundar agora se apenas por incompreensão e por ignorância, se também por cálculo e por maldade — forneceram-lhe dados umas vezes *incompletos* e outras vezes *inexactos*, e daí que as conclusões do seu estudo saíram, como não podia deixar de ser, *erradas*.

Se a Comissão Reguladora houvesse facultado há mais tempo aos produtores salineiros aquele estudo — cuja perfeição técnica e inteira probidade não se discutem, mas cujos dados eram falsos — teria evitado a *errada* informação que prestou ao sr. Secretário de Estado do Comércio e a *injustiça* a que com ela deu causa.

Ainda bem que tudo se esclareceu, sendo consolador verificar que tanto os funcionários que se deslocaram a Aveiro e à Figueira da Foz com os componentes das comissões dos dois salgados trabalharam animados do espírito de encontrar para os problemas postos as mais justas soluções.

Estamos em crer que, trilhando-se o caminho iniciado com este salutar diálogo, a Secção do Sal da Comissão Reguladora virá a realizar uma obra utilíssima e altamente prestigiante.

*

O problema dos preços do sal está, assim, em vias de ser solucionado ràpidamente, não diremos com *inteira* justiça, mas, sem dúvida, com a *possível* justiça.

Sabe-se que o preço de 200$00 por tonelada fixado em 1953, devia ter sido actualizado *há muitos anos*, e que o facto de o não ter sido acarretou para os produtores salineiros de Aveiro e da Figueira da Foz *prejuízos vultuosos*, da ordem das *dezenas de milhar de contos*.

Não poderiam agora compensar-se, de um jacto, tais prejuízos, pois isso obrigaria a estabelecer para o sal um preço lesivo dos justos interesses dos consumidores.

Mas já nas reuniões a que acima aludimos se esboçaram as soluções deste e de outros problemas.

Como se sabe, está em estudo a reorganização da *produção*, havendo que aguardar os resultados desse estudo para se saber da possibilidade ou impossibilidade de diminuir os custos da produção; e parece ter-se concluído já o estudo da reorganização do *comércio* do sal, sendo de esperar que dele resulte proscrever-se a multiplicidade desnecessária e a concorrência anormal de intermediários, o que possibilitará uma retribuição mais justa para a produção e até, segundo cremos, um desagravamento do custo para o consumo.

Sugeriu-se que pelo desaparecimento *imediato* de um dos intermediários, o *lucro* que lhe era destinado revertesse para os produtores *enquanto necessário* para os compensar dos prejuízos sofridos.

Ventilou-se também o problema do fornecimento de sal para as indústrias, em condições de acautelar os *legítimos* interesses da produção salineira sem ofender os *legítimos* interesses daquelas indústrias, por forma a que o custo do sal não fosse pretexto para o agravamento dos preços dos seus produtos.

E abordou-se ainda a situação dos pobres marnotos, em ordem a assegurar-lhes uma assistência eficiente nos casos de doença ou invalidez.

Há, como se vê, um mundo de questões importantíssimas a ponderar e resolver. A compreensão e o interesse agora manifestados pelo sr. Secretário de Estado do Comércio e pelo sr. Presidente da Comissão Reguladora e a competência e o aprumo revelados pelos funcionários, sem favor muito distintos, que se deslocaram na semana passada aos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz, asseguram-nos que todas essas questões virão a solucionar-se com escrupulosa justiça.

O que importa, aqui como em tudo, é arredar os que embaraçam e comprometem (e desde já lembramos que as coisas andam muito mal pela Figueira da Foz), e aproveitar os que servem e prestigiam.

*

Sabemos que a Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, revisto cuidadosamente o problema, concluiu dever fixar-se para o sal dos salgados de Aveiro e da Figueira da Foz, a título provisório, o preço de *300$00 por tonelada*.

Aguarda-se a todo o momento que o sr. Secretário de Estado do Comércio, assim informado, profira o seu despacho estabelecendo aquele preço, sendo de crer que o tenha já feito quando o *Litoral* chegar às mãos dos seus assinantes e leitores.

Director do Museu de Aveiro

Encontra-se em Lisboa o sr. Dr. António Manuel Gonçalves a participar na III Reunião dos Conservadores dos Museus e dos Palácios e Monumentos Nacionais, iniciada em 15 do corrente e que hoje se encerra. Os trabalhos têm-se efectuado no Museu Nacional de Arte Antiga, sendo o Director do Museu de Aveiro, como membro da Comissão Executiva, o Secretário-Geral da Reunião.

«Ainda Canta o Galo!»

Recomeçaram na passada segunda-feira, dia 13, os ensaios dos antigos componentes do Grupo Cénico do Clube dos Galitos, em vista à nova apresentação, em dois espectáculos de beneficência, previstos para 2 e 4 de Dezembro, da revista-fantasia «Ainda Canta o Galo!», que tanto êxito alcançou no passado mês de Julho, no Teatro Aveirense.

Pela Mocidade Portuguesa

Centro Operário de Aveiro

Os jovens operários ou empregados com mais de 11 anos e menos de 20 que desejem inscrever-se neste Centro, devem fazer a sua inscrição, com a maior brevidade, na Delegação Dislegação Distrital da M. P., na Rua de Gustavo Pinto Basto, n.º 6, ou pelo telefone 22320.

Estimáveis ofertas

A sr.ª D. Cecília Pires Ferreira da Costa de Almeida, viúva do grande poeta e fervoroso nacionalista Jessé de Almeida, acaba de oferecer à Biblioteca Municipal de Aires Barbosa, por intermédio do LITORAL, magníficos exemplares de dois livros de seu falecido marido: *Selectas*, com que contribuiu para as comemorações do milenário de Aveiro, e *O Mistério do Mar*.

Devemos à ilustre senhora a oferta de uma poesia intitulada *Anjo de Guarda*, que Jessé de Almeida compôs, poucos dias antes do seu falecimento, sobre os acontecimentos de Angola, e que dedicou ao Presidente do Conselho — poesia que publicaremos num dos próximos números.

Repressão necessária

Tem-se verificado ùltimamente que os gatunos dirigem as suas actividades, nesta cidade, para os automóveis, tudo lhes servindo — designadamente as antenas dos rádios, que furtam por inteiro ou quebram quando por outra forma não podem apropriar-se delas.

Alguns foram já apanhados. Mas importa redobrar a vigilância e reprimir tais abusos.

Para isto chamamos a atenção das autoridades competentes e também a dos simples particulares.

Um livro novo sobre Santa Joana Princesa

Acaba de sair dos prelos a terceira edição do *Cancioneiro de Santa Joana Princesa*, do nosso colaborador Dr. António Christo.

O presente opúsculo, que deverá ser posto a circular na próxima semana, vem enriquecido com inúmeras transcrições e referências a poesias que não constam das edições anteriores.

Estão entre elas, além de outras, uma tradução da escritora francesa J. T. de Belloc, um discutido soneto do nosso clássico Dr. António Ferreira e diversas composições, algumas admiráveis, de Rodrigues Leónidas, P.e Querubim de Sousa, D. Maria da Cruz, D. Clarisse Barata Sanches, D. Maria de Lourdes Perdigão, Francisco José Nunes Pereira, Dr. António de Almeida, Adriano Costa, João de Castro Ramos, Afonso de Teive, Dr. João Fernandes, Domingos de Oliveira, P.e Manuel Pires Bastos e Dr. P.e Agostinho Veloso.

Havemos de referir-nos mais de espaço a este curioso trabalho.

Eng.º-Agrónomo Eduardo Ramalheira

A fim de frequentar cursos de especialização que se efectuarão, durante um ano, nos Centros de Altos Estudos Agrónomos do Mediterrâneo, em Itália (Bari) e em França (Montpellier), partiu, no passado dia 12, para a primeira daquelas cidades, com bolsa de estudo da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económicos (O. C. D. E.), o sr. Engenheiro-agrónomo Eduardo António Ramalheira, da Brig da Técnica da IV Região Agrícola com sede nesta cidade.

Terrorismo em Angola

Como nos meses anteriores, celebrou-se no passado domingo, dia 12, na Sé, missa por alma dos militares e civis vítimas do terrorismo em Angola.

O piedoso acto foi grandemente concorrido, encontrando-se entre a assistência diversas entidades militares e civis.

Conservatório Regional

«Dia de Santa Cecília»

Para assinalar a passagem, na próxima quarta-feira, 22, do «Dia de Santa Cecília», sua padroeira, o Conservatório Regional de Aveiro manda celebrar, na igreja paroquial da Vera-Cruz, pelas 18.30 horas, missa solenizada, que terá acompanhamento instrumental por professores e alunos daquele estabelecimento de ensino musical.

No mesmo dia, pelas 21.30 horas, no ginásio do Liceu, efectua-se uma sessão para distribuição de prémios aos alunos do Conservatório, a que se seguirão audições de canto, pelo aluno premiado Mário Mateus (acompanhado ao piano pela prof.ª sr.ª D. Maria Melina Rebelo), e de violoncelo, pelo prof. Ramon Miravalle (acompanhado ao piano pela Directora do Conservatório, sr.ª D. Maria Leonor Pulido de Almeida).

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	OUDINOT
Domingo	MOURA
2.º feira	CENTRAL
3.º feira	MODERNA
4.º feira	ALA
5.º feira	M. CALADO
6.º feira	AVEIRENSE

Subvenção de família, pensão de preço de sangue e subsídio temporário enquanto a pensão de sangue não for atribuída, a conceder às famílias dos militares

Conforme notícias oportunamente difundidas pelos orgãos de informação, as famílias dos militares falecidos em defesa da Pátria têm, nas condições previstas na Lei, direito à *pensão de preço de sangue* e, enquanto esta não fôr fixada, devem requerer *um subsídio* que lhes será atribuído, temporàriamente, nos termos do Decreto-Lei n.º 43811, de 21-7-961, até à data em que comecem a receber a respectiva pensão de sangue.

Por outro lado, também foi instituída pelo Decreto-Lei n.º 43823 uma *subvenção de família* a conceder às praças casadas ou solteiras em serviço no Ultramar e, em certas condições, na Metrópole, que tenham família a seu exclusivo cargo, e não possuam meios de subsistência.

Com o objectivo de facilitar às famílias, que se julguem com direito, a obtenção da pensão, subsídio ou subvenção acima referidos, o Serviço de Informação Pública das Forças Armadas, com sede no Departamento da Defesa Nacional, Rua da Cova da Moura, n.º 1, Lisboa, faculta às famílias interessadas *as normas dos requerimentos e as relações dos demais documentos* que os requerentes devem entregar nas instâncias oficiais, as quais podem ser pedidas pessoalmente ou por carta endereçada a este Serviço.

Santa Casa da Mesicórdia de Aveiro

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos do parágrafo 2.º do Art.º 27.º do Compromisso da Irmandade desta Santa Casa da Misericórdia, são, por este meio, convidados todos os Associados a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 27 de Novembro, pelas 20 horas, na Sala das Sessões do Hospital da mesma Santa Casa, com a seguinte ordem de trabalhos:

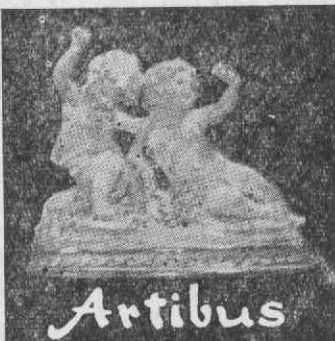
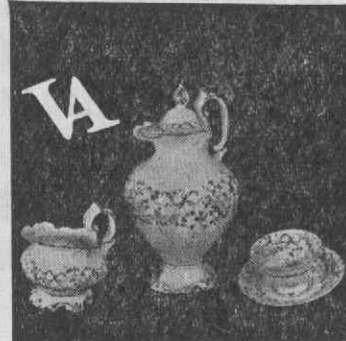
1 — *Conhecimento de uma exposição apresentada pela Mesa Administrativa, sobre a situação da Santa Casa.*

2 — *Deliberação acerca da forma de constituir a lista dos Corpos Gerentes para o triénio 1962-1964, a ser presente à Assembleia electiva que se realizará oportunamente.*

Não comparecendo número legal de Associados para poder funcionar a Assembleia àquela hora, fica a mesma desde já marcada para as 21 horas do mesmo dia e local, a qual funcionará com qualquer número.

Aveiro e Sala das Sessões da Santa Casa da Mesicórdia, aos 18 de Novembro de 1961.

O Presidente da Assembleia

Fernando Calisto Moreira

Deputados à Assembleia Nacional

A votação no Distrito

Pelo Governo Civil foram-nos fornecidos os seguintes números, referentes à votadão realizada neste Distrito no último domingo:

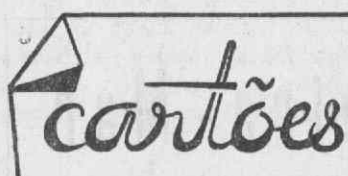
Concelhos	*Inscritos*	*Votantes*	*Percentagens*
Águeda	7 858	4 624	58.84
Albergaria-a-Velha	3 622	2 836	78 29
Anadia	5 027	3 632	72,24
Arouca	4 334	3 342	77 11
Aveiro	9 306	5 912	63 52
Castelo de Paiva	3 077	2 216	72 01
Espinho	3 688	2 753	74 64
Estarreja	4 731	2 954	62 43
Feira	11 814	8 749	74 05
Ílhavo	4 256	2 014	47 32
Mealhada	3 464	2 749	79,35
Murtosa	1 757	1 503	85 54
Oliveira de Azeméis	6 492	4 787	73,73
Oliveira do Bairro	2 637	1 952	74 02
Ovar	5 080	3 754	73.89
S. João da Madeira	2 218	1 335	60,18
Sever do Vouga	2 584	1 833	70,93
Vagos	3 570	2 669	74,76
Vale de Cambra	3 296	2 373	71.99
Totais	88 811	61 987	69,29

Hospital da Santa Casa

Empenhada numa utilíssima Campanha, a Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro iniciou já diligentes esforços no sentido de concretizar a oportuna iniciativa, que inteiramente aplaudimos e que, por certo, encontrará generoso eco no coração de todos os aveirenses.

Até anteontem, 16, foram recebidas as seguintes importâncias:

João Nunes da Rocha . . .	12 000$00
Fábricas Aleluia	5 000$00
Fábrica da Vista-Alegre . .	2 500$00
Vassouraria Aveirense . . .	100$00
«Adico» (Avanca)	1 000$00
«Alba» (Albergaria-a-Velha)	250$00
Auto-Viação Aveirense . .	100$00
Fábrica de Bicicletas Motorizadas E. F. S. (Águeda) .	50$00
Francisco Piçarra	500$00
Máquinas «Oliva Comercial»	100$00
Abraão Borges	100$00
Casa do Café	250$00
Casa das Utilidades	100$00
Arla	50$00
Casa Paris	50$00
A transportar . . .	22 150$00

de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje — *A sr.ª D. Maria de Lourdes Carvalho Costa, esposa do sr. Joaquim da Costa.*

Amanhã — *O Rev.º Cónego José Nunes Geraldo, e os srs. Egas Trancoso, Eugénio Cerqueira da Encarnação, João Albuquerque e Tenente José Eugénio Ferreira da Naia Velhinho.*

Em 20 — *As sr.as D. Emília da Silva Martins de Magalhães, esposa do sr. Comandante Guilhermino Martins de Magalhães, e D. Felismina de Magalhães Azevedo Garrido; o sr. António Rui de Almeida, aveirense residente em Quelimane (Moçambique) e o estudante Fernando Rodrigues Valente; e as meninas Maria de Jesus Branco dos Reis, neta do sr. João dos Reis (empregado do Beira-Mar), e Maria Gabriela Lopes Barbosa de Magalhães, neta do sr. Dr. Barbosa de Magalhães.*

Em 21 — *As sr.as prof.ª D. Maria Irene dos Santos Cruz, D. Noémia Trindade e Silva e D. Maria Regina Fernandes Tavares Lebre; o sr. Tenente João Baptista do Amaral Brites, Comandante da G. F.; e o menino Fernando Gil, filho do sr. Tobias dos Santos Calisto.*

Em 22 — *O sr. Joaquim de Lemos da Silva Félix; e a estudante Maria Helena Morgado Avelino.*

Em 23 — *Os srs. Carlos Aleluia, Fernando Luís Marques, José Moreira de Matos, Manuel Ferreira Leite Pais, Pedro Marques da Silva e Carlos Augusto Correia Nóbrega e Silva; e o menino José Manuel, filho do sr. Joaquim de Lemos da Silva Félix.*

Em 24 — *As meninas Lucinda Maria, filha do sr. Dr. José da Cruz Neto, e Maria José, filha do sr. Eugénio Cerqueira da Encarnação; e o menino Luís de Pinho Ferreira da Maia, filho do sr. Fernando Ferreira da Maia.*

Dr. Vitorino Cardoso

Foi colocado como Inspector na Direcção dos Serviços de Saúde do Ministério do Exército, em Lisboa, o sr. Tenente-coronel Dr. Vitorino Simões Cardoso, que, até há pouco, desempenhou as funções de Director do Hospital Militar Regional do Porto, onde realizou uma obra notável e conquistou inúmeras simpatias.

Dr. Heitor Quintas

Esteve em Aveiro no domingo passado, e deu-nos o grande prazer da sua visita, o nosso amigo Dr. Heitor Ramalho Quintas, excelente companheiro dos tempos de Coimbra na famosa «República do Sol Nascente» e hoje médico muito distinto no Sanatório da Parede.

Carlos de Morais

Esteve nesta cidade, na semana finda, e honrou-nos com a sua visita à nossa Redacção o distinto Poeta e nosso apreciado colaborador Carlos de Morais.

Dr. Pinto de Campos

A tratar de assuntos que interessam à produção salineira, esteve nesta cidade, na terça-feira última, a conferenciar com o nosso colaborador Dr. António Christo, o sr. Dr. Pinto de Campos, muito ilustre Vice-presidente da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos.

Dr. Alberto Souto

Missa do 30.º Dia

Uma Comissão da freguesia de S. Bernardo, que, com o seu pároco, sempre foi gentilmente recebida e atendida nas suas exposições quanto a melhoramentos públicos locais pelo antigo e ilustre Presidente do Município Dr. Alberto Souto, manda celebrar, no próximo dia 23 do corrente, na igreja paroquial de S. Bernardo, pelas 7 horas, missa do 30.º dia em sufrágio da alma do saudoso extinto, e como preito do seu reconhecimento.

Serviços Municipalizados de Aveiro

TRANSPORTES COLECTIVOS

AVISO

Para comodidade e economia dos senhores utentes do serviço urbano de transportes colectivos, vão ser emitidos cartões de 100 viagens, válidos pelo prazo de 2 meses, os quais podem ser adquiridos na sede dos Serviços aos seguintes preços:

100 viagens de 1 zona	**60$00**
100 viagens de 2 zonas	**90$00**
100 viagens de 3 zonas	**110$00**

D. Maria José da Silva

Agradecimento

A família de D. Maria José da Silva, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se associaram à sua dor e a quantos se incorporaram no funeral da saudosa extinta.

Tipografia «A Lusitânia»
Rua de Homem Cristo — AVEIRO

CONTINUAÇÕES DA ÚLTIMA PÁGINA

FUTEBOL

Beira-Mar-Sporting

ria, dispondo de vantagem territorial na primeira dezeda de minutos.

Mas o Beira-Mar reagiu, a pouco e pouco, voltando o prélio à anterior feição de equilíbrio. Ambos os blocos defensivos se impuseram — não consentindo veleidades aos atacantes...

De referir que, certamente a acusarem o esforço anteriormente produzido e a sentirem, também, a responsabilidade do desafio, os aveirenses não souberam tirar grande partido da sua vantagem numérica ante um adversário forçado a jogar com dez elementos, dos quais sòmente nove perfeitamente válidos.

●

Como atrás referimos, as defesas — certas e rudes — vincaram nítido ascendente sobre os sectores avançados. Estes, embora activos e dispondo de um outro ensejo de golo à vista, foram batidos no confronto, sobretudo nos lances de choque.

A *chance* maior do Beira Mar surgiu aos 68 m., quando Chaves, em recarga, cabeceou sobre a barra, depois de um centro de Miguel em que Carvalho, apertado por Diego, apenas conseguiu socar o esférico... As oportunidades do Sporting verificaram-se no quarto de hora final: a todas, porém, corresponderam magníficas e magistrais intervenções do guarda-redes Bastos — que brilhou intensamente e, pode dizer-se, salvou o empate precioso que a sua equipa conquistou. Na retina de quantos assistiram ao desafio perdura ainda, entre outras, a defesa que Bastos efectuou (77 m.) ao voar para repelir a soco um remate, sesgado e fortíssimo, do médio Pérides... Foi uma parada notável!

Ao cabo e ao resto, o *score* final tem de aceitar-se como resultado lógico e ideal para o prélio.

●

Salientaram-se: no Beira-Mar, toda a defesa e meia-defesa, com relevo para Bastos e Evaristo, e ainda Miguel, Paulino e Chaves, entre os dianteiros: e, no Sporting, Mendes, Geo, Hilário, Carvalho e Pérides.

●

Abel da Costa voltou a desagradar em Aveiro — desta vez a ambos os contendores, cada qual com fortes razões de queixa.

O trabalho do árbitro internacional portuense foi inferior. Justo na expulsão, Abel da Costa foi, depois, muito condescendente no capítulo disciplinar... Mas as suas maiores falhas residiram na validação do tento do Sporting; na anulação — por hipotéticos foras de jogo — de longa série de perigosos lances do Beira-Mar; e no perdão que concedeu aos aveirenses quando estes incorreram em *penalty* (derrube de Evaristo a Geo)...certamente para os compensar do golo irregular que havia validado...

REGISTO

Provas Distritas

I Divisão

Após um domingo de intervalo, a prova prossegue com os desafios da 11.ª jornada: Cesarense - Ovarense (0 - 3), Cucujães - Estarreja (1 - 0), Recreio - Lusitânia (2-2), Lamas-Arrifanense (1-3) e Esmoriz - Vista Alegre (1-7).

Reservas

Resultados obtidos — Sanjoanense, 0 - Alba, 4; o jogo Espinho - Oliveirense foi adiado.

Jogos para amanhã — Oliveirense - Sanjoanense, Feirense - Espinho e Beira-Mar - Alba.

Juniores

Resultados obtidos — Arrifanense, 2 - Feirense, 4; Espinho, 1 - Sanjoanense, 5; e Beira-Mar, 3 - Estarreja, 0. Foi adiado o encontro Ovarense - Anadia.

Jogos para amanhã — Feirense - Espinho, Sanjoanense - Oliveirense, Anadia-Beira-Mar e Estarreja - Recreio.

Basquetebol

Necas, Benjamim, Faria 3 - 4, Arlindo 3 - 2, Guilherme 0 - 4 e Marques 2 - 0.

1.ª parte: 30-11. 2.ª parte: 33-10.

Os bairradinos conseguiram 28 cestas de campo e transformaram 7 lances livres em 16 tentativas (43,75 %), sendo punidos com 1 falta técnica e 5 faltas pessoais.

Os estarrejenses obtiveram 8 cestas de campo e converteram 5 lances livres em 8 tentados (62,5 %), sendo castigados com 10 faltas pessoais.

●

A classificação geral está assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P
Sangalhos	6	6	—	—	296 155	18
Esgueira	6	5	—	1	237-222	16
Galitos	6	4	—	2	273 201	14
Illiabum	6	3	—	3	232-227	12
Sanjoanense	5	2	—	3	199-203	9
Amoníaco	6	1	—	5	179-265	8
Recreio	5	1	—	4	118 172	7
Cucujães	4	—	—	4	118 192	4

A próxima jornada

Sanjoanense - Sangalhos, Amoníaco - Cucujães e Recreio - Illiabum — todos esta noite, pelas 22 horas; e Esgueira - Galitos, amanhã, domingo, pelas 10 horas.

Leixões - Beira-Mar

brio de todos os seus elementos (e não só de alguns...). O jogo do último domingo provou bem tudo isto...

O próximo adversário do Beira-Mar é o Leixões Sport Club, vencedor da Taça de Portugal na época finda. Antagonistas difíceis para qualquer turma, e ocupando posição modesta na tabela, os matosinhenses tudo farão para conseguir a vitória frente ao Beira-Mar.

Se os aveirenses dominarem o ímpeto inicial dos leixonenses, é possível que consigam um equilíbrio que lhes dará a chance *de discutirem o resultado final. Vamos a ver se, desta vez, a defesa aveirense não é batida logo nos primeiros minutos – como acontece já há cinco jogos seguidos... Com uma defesa aplicada, mas inteligente, tudo é possível no Campo de Santana...*

E. Dias

XADREZ DE NOTÍCIAS

A Direcção do Beira-Mar atribuiu um prémio de 750$00 a cada um dos jogadores que defrontaram o Sporting, pelo empate que obtiveram.

Os andebolistas Alberto, Avelino e Zeferino, que representavam o Atlético Vareiro, vão ser transferidos para o Avanca.

A Associação de Basquetebol de Aveiro puniu, com oito dias de suspensão, o jogador Edmundo, da Sanjoanense, que havia sido expulso no encontro que os alvi-negros efectuaram em Esgueira.

Foram já distribuídos os dois primeiros números de «O Espinho», Boletim Informativo do Sporting Clube de Espinho. Trata-se de um excelente órgão de propaganda das actividades da prestigiosa colectividade da Costa Verde — de magnífico aspecto gráfico e de profusa e interessante colaboração.

Desejamos-lhe longos anos de vida.

O Grupo Atlético Vareiro tenciona promover, com início em 2 de Dezembro próximo, um torneio popular de andebol de sete.

A Secção de Andebol do Sporting de Espinho iniciou, na pretérita quarta-feira, dia 15, um ciclo de palestras sob temas desportivos. Na sessão inaugural, o sr. Tito Lívio Van Kricken, antigo Presidente da Associação de Voleibol do Porto, falou sobre Misérias do auto-dirigismo desportivo.

A próxima palestra será proferida, em 29 do corrente mês, pelo conhecido jornalista Joaquim Alves Teixeira, Director de «O Norte Desportivo».

O árbitro bracarense João do Vale chefia a equipa que amanhã dirige o encontro Leixões-Beira-Mar. Edmundo de Carvalho, de Aveiro, arbitra o jogo Salgueiros-Vitória de Guimarães.

Os espinhenses Carlos Padrão, António Natário e António Neves foram escolhidos para a equipa de Portugal que, em Lisboa, vai participar no Torneio da Europa Ocidental, *em voleibol.*

Sob orientação dos dirigentes Artur Lobo e Fernando Matias, iniciaram-se, na segunda-feira, os treinos dos hoquistas do Clube dos Galitos.

CARTA DE LISBOA

Continuação da primeira página

luz paradisíaca em que está tudo em calma num silêncio perfumado de grande expectativa. Mas o Outono é assim, a mais vulnerável das estações e por isso mesmo a mais efémera. Mas tem, por outro lado, a beleza de tudo o que é efémero — sol que pouco dura.

E' a quadra em que mais gosto de dar um salto até à Barra, como é a quadra em que mais apetece permanecer na serra.

Na Barra ele dá-nos azuis que só ele guarda, limpa de neblinas toda a nossa planura, aproxima-nos os longes e as serras mostram-nos volumes e pormenores de vizinhança quase inverosímeis. A atmosfera isenta de poeiras e de evaporação deixa viver e vibrar a cor de cada hora. E quando o Sol se vai ao fim do dia apagando azuis, no casario da serra ficam ainda janelas a cintilar, como que querendo guardar a luz maravilhosa do dia que findou.

Apetece-nos repetir o grito de Goethe: «Pára, momento, que és tão lindo!»

Na serra, lá para os lados do Zêzere, a linguagem é toda outra. Ali vou sempre nesta altura assistir à grande faina outonal.

As cegarregas há muito que se calaram; os pinheiros, exaustos, não sangram mais, balouçam-se molemente, e a resina está embarricada; as vinhas já esqueceram as cantigas alegres das vindimadeiras e ruborizam-se de vermelhos quentes; a horta refresca os olhos com o verde dos seus alfobres; as abóboras enfileiram-se por sobre os muros; o pomar já teve os seus dias de glória no calor brando de Setembro; o milho entrou nas grandes arcas de carvalho e os castanheiros deixam cair tristemente os seus ouriços; o mato está roçado e a lenha, empilhada e seca, aguarda as noites frias para o bailado da grande lareira; a terra, sedenta de água, recebeu já os primeiros golpes de enxada que lhe rasgaram o ventre para a grande fecundação, para as grandes chuvas que se avizinham.

E neste tal silêncio perfumado de grande expectativa, neste aparente letargo, a azeitona engorda e cresce, e as oliveiras, nessa exuberância de vida, aguardam também os seus dias de glória.

Uma bela manhã rangem as portas grandes do lagar e as máquinas embebedam-se em óleo para a euforia do seu rodar. Alegre e festivo chega o rancho das raparigas para a «apanha» e logo as mesmas cantigas que mondaram o milho e embalaram o msoto enchem de novo o ar, musicando um hino da abundância.

As tulhas enchem-se uma a uma, o moinho não entontece no seu rodopiar, intervém a batedeira e os primeiros capachos chegam finalmente à prensa possante. Em baixo alinham-se as tarefas e, daí a pouco, surge o azeite, mole e esverdinhado — ouro líquido a escorrer.

O lagareiro sorri, comanda, faz as maquias. E' linda a faina.

O dia vai fugindo, azulam-se as serras em redor, calam-se as cantigas, vão-se as raparigas.

Parou tudo no lagar. Dormem as máquinas e dorme o lagareiro. Apenas um fio de azeite escorre ainda, lento e sonolento, num morrer brando de grande sinfonia outoniana — última frase deste hino de abundância.

Lisboa, 12 de Novembro de 1961

Gonçalo Nuno

Uma folha de Agenda

Continuação da primeira página

flui cristalina, sem penumbras de protecção e sem sombras de emboscada.

Mas reconheco que há interlocutores indesejáveis como o prurido sarnoso e irritantes como as moscas esfomeadas!

Pôr a gente uma ideia em pratos limpos, desnudarmos um pensamento à claridade solar e ver-se, logo a seguir, cercado por um muro de sofismas desfigurantes que transformam uma troca de ideias rectilíneas num trajecto tortuoso como um chifre é coisa, realmente, de desanimar! Definir a gente um conceito, sem a menor reserva mental, e ver o semelhante aos torcegões na pureza intencional que o fecundou, é de vomitar as tripas em cima da conversa!

As acrobacias de raciocínio que este sujeito exibiu hoje na minha presença, os equilíbrios no arame que tentou para chegar a um desígnio que mantinha cuidadosamente engaboado, foi um espectáculo de estarrecer e de enjoar!

Bem me fartei de lhe dar mote para posições claras, bem lhe franqueei o caminho direito, abrindo-lhe — de par em par — as portas da lealdade. Tudo inútil porque preferia, obstinadamente, as congostas sombrias, os labirintos nocturnos e as habilidades de saltimbanco.

É triste constatar que o número de pessoas dotadas de poder histriónico cresce assustadoramente, atulhando as tábuas do palco e deixando a plateia cheia de vazios. Desalenta constatar que se não pode ter confiança nas lágrimas nem no riso do semelhante; que o ar compugido de uns equivale à máscara profissionalmente pesarosa do cangalheiro que encaixota o próximo e que o riso alacre de outros é pararalelo com as gargalhadas circunstanciais do palhaço a fazer piruetas na arena...

Frederico de Moura

Branco Lopes & Garcia, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifica-se, para efeitos de publicação, que, por escritura de trinta de Outubro de mil novecentos e sessenta e um, lavrada de folhas quarenta e oito a folhas cinquenta, do Livro número vinte-B, para escrituras diversas do arquivo deste Cartório Notarial, a cargo do Notário, Doutor António Rodrigues, foi constituída uma sociedade entre D. Maria Perpétua Trindade Salgueiro Lopes, Alberto Dionísio Branco Lopes, Lucílio Garcia, Abel Santiago, nos termos dos artigos seguintes:

Art.º 1.º — A sociedade adopta a firma «Branco Lopes & Garcia, Limitada», tem a sua sede em Aveiro e durará por tempo indeterminado, a contar de um de Novembro próximo.

Art.º 2.º — O seu objecto é o comércio de representações de tintas e qualquer outro ramo de negócio em que os sócios acordem e para que não seja precisa autorização especial.

Art.º 3.º — O capital social é de duzentos mil escudos, inteiramente realizado em dinheiro, que corresponde à soma de quatro quotas de cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

Art.º 4.º — Todos os sócios são gerentes, sem remuneração nem caução, e a sociedade será representada em Juízo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer deles.

Art.º 5.º — A cessão de quotas é livre entre os sócios, usando a sociedade da faculdade de preferência quando se pretenda ceder a um estranho.

No caso de a cessão ser feita a estranhos a quota manter-se-há sempre indivisa.

Art.º 6.º — Quando a Lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral são convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência.

Art.º 7.º — Fica expressamente determinado que em todos os actos e contratos de valor superior a cem mil escudos são necessárias as assinaturas de todos os sócios ou dos que forem designados em Assembleia Geral.

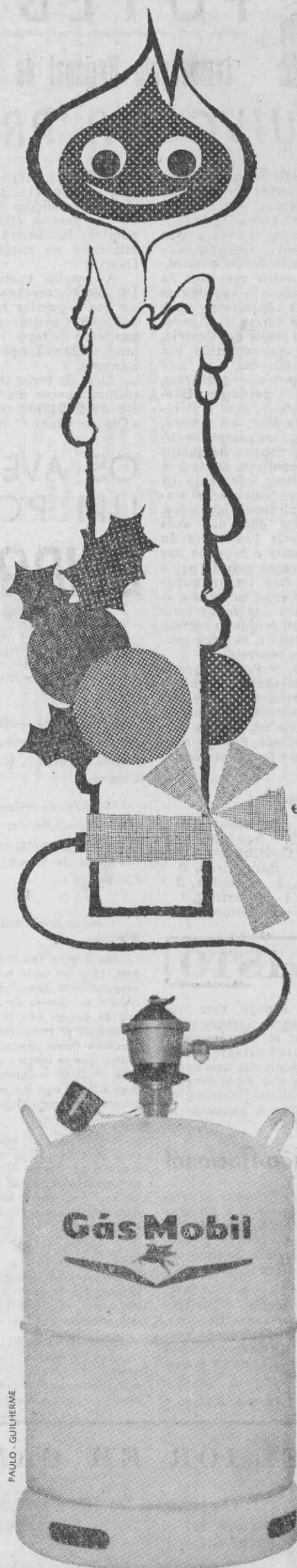
Art.º 8.º — O falecimento ou interdição de qualquer dos sócios não opera a dissolução da sociedade, podendo os seus herdeiros ou representantes continuar na sociedade, mas representados sòmente por um deles.

Art.º 9.º — Os balanços e contas fechar-se-ão no dia trinta e um de Dezembro de cada ano. Dos lucros líquidos apurados serão deduzidos cinco por centro para o Fundo de Reserva, sendo os restantes divididos pelos sócios em partes iguais.

E' certidão narrativa, que vai conforme ao original na parte transcrita a que me reporto e na parte omitida, nada há que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

Aveiro, Secretaria Notarial, dez de Novembro de mil novecentos e sessenta e um.

O ajudante da Secretaria,

Raul Ferreira de Andrade

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

ARQUIVO DA PROVA

COMPLETOU-SE, no domingo, a sexta ronda do Campeonato Nacional — e com ela vieram novas surpresas. Dos sete visitados, houve quatro (Porto, C. U. F., Guimarães e Atlético) que triunfaram com naturalidade; o outro vencedor da ronda — o Lusitano — excedeu as previsões mais optimistas, com uma goleada à turma da Académica, já que, no prélio do Alentejo, o favoritismo era repartido por ambos os contendores.

Quatro grupos não ganharam, mas também não perderam: Benfica, no seu recinto, ante o Belenenses, e Beira-Mar, em Aveiro, ante o Sporting. Os campeões europeus, que não vencem há quatro jornadas consecutivas, tardam a encontrar o ritmo que tanto os notabilizou nas temporadas findas... e encontram-se igualados, em pontos, por dois dos seus mais sérios rivais (os *azuis* de Belém, e os *azuis e brancos* das Antas). O precalço sofrido pelos sportinguistas veio trazer novos motivos de interesse ao torneio — já que o triunfo dos *leões* teria cavado um fosso profundo entre a turma de Alvalade e os seus perseguidores mais temíveis.

Assinalamos, a fechar, que o Vitória de Guimarães conseguiu o seu primeiro triunfo — e que, assim, dada a derrota do Sporting da Covilhã no Porto, a turma serrana baixou, isolada, para a indejável posição de *lanterna-vermelha*.

Resultados gerais:

Benfica, 0 — Belenenses, 0
Lusitano, 5 — Académica, 0
Porto, 2 - Covilhã, 0
C. U. F., 4 - Salgueiros, 0
Guimarães, 3 - Leixões, 2
Beira-Mar, 1 Sporting, 1
Atlético, 3 — Olhanense, 0

NO encontro Beira-Mar-Sporting, e embora as condições climatéricas tivessem afastado bastante público, foi batido o *record* de bilheteira no Estádio de Mário Duarte.

A receita bruta ascendeu a 163 230$00, correspondentes à venda dos seguintes bilhetes: 12 395 peões, 370 bancadas centrais, 300 bancadas de topo, 184 cadeiras de pista, e 122 peões para militares ou menores.

Além da verba indicada, o Beira-Mar apurou ainda a importância de 29 240$00 nos bilhetes do «Dia do Clube»: 781 de bancada (15 620$00) e 1362 de peão (13 620$00).

A prova prossegue amanhã, com a seguinte série de jogos: *Benfica-Lusitano, Académica-Porto, Olhanense-C. U. F., Covilhã-Atlético, Salgueiros-Guimarães, Leixões-Beira-Mar* e *Belenenses-Sporting.*

DEPOIS da sexta jornada, os concorrentes ficaram assim escalonados na tabela de classificação geral:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sporting	6	4	2	—	12- 3	10
Lusitano	6	4	1	1	13- 3	9
Atlético	6	4	1	1	15- 8	9
Académica	6	4	—	2	10-11	8
Belenenses	6	2	3	1	12- 6	7
Benfica	6	2	3	1	13- 7	7
Porto	6	2	3	1	5- 4	7
C. U. F.	6	3	—	3	11-10	6
Olhanense	6	2	2	2	6- 8	6
Beira-Mar	6	1	2	3	7-15	4
Guimarães	6	1	1	4	8-12	3
Leixões	6	1	1	4	6-14	3
Salgueiros	6	1	1	4	4-16	3
Covilhã	6	—	2	4	4- 9	2

OS AVEIRENSES GANHARAM UM PONTO PRECIOSO!

BEIRA-MAR, 1 — SPORTING, 1

Jogo no Estádio de Mário Duarte. Árbitro — Abel da Costa. Fiscais de linha — Pinto Ferreira (bancada) e Gomes da Silva (peão) — todos da Comissão Distrital do Porto.

BEIRA-MAR — Bastos; Valente, Liberal e Moreira; Amândio e Evaristo; Miguel, Marçal, Diego, Paulino e Chaves.

SPORTING — Carvalho; Lino, Lúcio e Hilário; Pérides (ex-Sporting da Covilhã) e Mendes; Figueiredo, Pacoti (ex-Vasco da Gama), Diego, Geo e Morais.

●

A marca final ficou fixada antes do intervalo.

Aos 7 m., o Sporting iniciou a contagem, com um tento precedido de clara irregularidade assinalada pelo «bandeirinha» sr. Gomes da Silva, a quem o juiz de campo não ligou... O lance prosseguiu e, completamente isolado, o brasileiro Pacoti rematou de encontro a Bastos, que se lançara arrojadamente ao solo. A bola ressaltou para fora da área e GEO, com um poderoso pontapé, enviou-a — a meia-altura — até ao fundo das redes.

Aos 29 m., no desenvolvimento de uma série de três *corners* consecutivamente ganhos pelos aveirenses, CHAVES conseguiu antecipar se ao guarda-redes leonino e desviar a bola para além do risco fatal, com um toque ligeiro, mas muito oportuno.

●

Diego, do Sporting, foi expulso do terreno, à passagem do quarto de hora, por desrespeitar o árbitro — que, antes, já o advertira por duas vezes.

O *stopper* leonino, Lúcio, lesionou-se, aos 28 m., sendo assistido fora do terreno. Regressou, minutos volvidos, mas notòriamente inferiorizado, para o posto de extremo-esquerdo, recuando Morais para *back*. Mais tarde, Lúcio derivou para avançado centro.

●

Em consequência das chuvas, o terreno apresentou-se encharcado e bastante pesado, e, assim, desde logo criou embaraços à normal planificação dos lances ofensivos, dando clara vantagem aos sectores defensivos.

Ao mesmo tempo, nas condições em que surgiu, o recinto propiciou choques frequentes e muitas jogadas de confusão — já que o árbitro decidiu permitir que os jogadores actuassem em *roda-livre*...

Deste jeito, a partida perdeu em espectacularidade o que ganhou em rudeza e virilidade — uma virilidade e uma rudeza a que em Aveiro o público não estava habituado... Autênticamente: embora com correcção, *jogou-se no duro*... — o que não agradou (e indispôs...) certos meios.

●

Inicialmente, foi o Beira-Mar que comandou a partida: actuando em ritmo veloz, os negro-amarelos dominaram, com nitidez, os seus antagonistas — que logo no primeiro minuto cederam um *corner* e que, aos 5 e aos 6 m., passaram por transes deveras difíceis... Com Carvalho já batido (5 m), Lúcio, na linha final, salvou um tento, em remate de Diego; e, no outro lance, foi o *keeper* leonino que teve de empregar-se a fundo para deter um remate de Chaves.

Então, o Sporting actuava com a turma completa — tinha onze elementos válidos...

●

Mas foram os lisboetas os primeiros a marcar: irregularmente e imerecidamente, contra a corrente do jogo, no seguimento de um rápido contra-ataque.

Passou a ser mais equilibrada a contenda. Os leões, moralizados com o avanço, sacudiram a pressão dos aveirenses; e estes, por seu turno, inconformados com a desvantagem, replicaram sempre, no intuito de não perderem o comando das operações.

Havia crescente emoção, dentro e fora do recinto — já que o público não perdoou nunca ao árbitro o gritante erro da validação do tento leonino... e aos lisboetas desagradou sobremaneira a expulsão do avançado-centro do seu *team*...

●

Sobre a meia-hora, surgiu a igualdade no marcador. Mais que merecido, o golo dos negro-amarelos foi merecidíssimo.

E esse tento teve o condão de dar novos alentos aos jogadores locais — que voltaram a dominar no derradeiro quarto de hora da metade inicial, a ponto de positivamente desnortear o bloco defensivo dos visitantes.

E assim se atingiu o descanso com um empate, que poderá ser considerado lisonjeiro para o grupo lisboeta — pois os aveirenses foram sempre mais ameaçadores e perigosos na finalização.

●

Reatada a contenda, o Sporting atirou-se afanosamente à procura da vitó-

Continua na página 6

LEIXÕES SPORT CLUB

o próximo adversário do

BEIRA-MAR

O melhor prémio que a equipa aveirense ofereceu aos seus simpatizantes, neste último encontro frente o categorizado Sporting, foi a afirmação das suas reais possibilidades, aliadas a um querer muito forte, com todos os elementos unidos num só desejo — onde a valentia, o brio e a generosidade andaram de braço dado.

Sem um desfalecimento, sem quebras, sem perda de ritmo, tomando por andamento o mesmo que o adversário lhe impôs, os beiramarenses entregaram-se de corpo e alma a uma luta sem quartel, discutindo — momento a momento, e até ao esgotamento — a sorte da contenda.

E' certo que os sportinguistas se podem queixar da expulsão de Diego (à face da lei muito bem expulso) e da inferioridade de Lúcio (por lesão); mas se aqui a fortuna os abandonou, lances houve em que os protegeu — ainda com a equipa toda válida... —, e a verdade é que os «leões» beneficiaram de um golo que foi um autêntico escândalo!

Temos insistido, nestes curtos e despretensiosos comentários, pela necessidade absoluta da equipa aveirense acreditar nas suas reais possibilidades, utilizando, como principal arma, a força que há no seu futebol, e ainda o esforço, a dedicação e o

Continua na página 6

REGISTO

A falta de espaço com que lutamos na presente semana obriga-nos a limitar as referências às competições futebolísticas que usualmente comentamos nestas colunas. Sòmente nos é possível arquivar os resultados obtidos no pretérito domingo e anunciar os próximos desafios.

II Divisão Nacional

Torriense, 1 - Feirense, 0; Peniche, 3 - Vianense, 0; Boavista, 1 - Braga, 1; Espinho, 1 - Oliveirense, 2; Sanjoanense, 2 - Marinhense, 1; Castelo Branco, 3 - Caldas, 0; e Cernache, 3 - Vila Real, 2.

Jogos para amanhã — Torriense - Peniche, Vianense - Boavista, Braga - Espinho, Oliveirense - Sanjoanense, Marinhense - Castelo Branco, Caldas - Cernache e Feirense - Vila Real.

Continua na página 6

VOLEI

O simpático, velho e prestigioso SPORTING CLUBE DE ESPINHO acaba de conseguir um novo título nacional, por intermédio dos seus categorizados voleibolistas, que, no último fim de semana, reconquistaram o ceptro de campeões de Portugal, ao derrotarem, no Porto, os conjuntos do Lisboa Ginásio, do Benfica e do Leixões — classificados pela ordem indicada.

Assinalando o cometimento dos espinhenses, felicitamos os seus briosos atletas e a colectividade que representam — uma das mais representativas do eclético Distrito de Aveiro.

BASQUETEBOL

Campeonato Distrital da I Divisão

A penúltima jornada da primeira volta ficou incompleta, por ter sido adiada a partida Cucujães-Recreio de Águeda. Na série de três jogos efectuados, Sangalhos e Galitos ganharam, nos seus recintos, ambos folgadamente — com se previa; e o Esgueira, surpreendentemente, foi vencer o Illiabum em Ílhavo.

De notar-se que os esgueirenses firmaram o seu êxito no período do prolongamento — dado que no fim do tempo regulamentar se registava um empate e este desfecho se encontra novamente *vetado* pelas regras do jogo.

Galitos, 60 - Sanjoanense, 39

Jogo no Rinque do Parque, na noite de sábado passado. A'rbitro — Albano Baptista.

GALITOS — Raul 2-2, José Fino 10-11, Júlio 2-0, Artur Fino 7-10, Mendes 10-3, João Carvalho 0-2, Charneira 0-1 e João Naia.

SANJOANENSE — Tavares 0-1, Manuel Maria 4-2, Azevedo 2-0, Manuel Pinho 8-18, Aureliano 2-0 e Almeida 0-2.

1.ª parte: 31-16. 2.ª parte: 29-32.

O Galitos obteve 26 cestas de campo e converteu 8 lances livres em 18 tentativas (44 44%), sendo castigado com 2 faltas técnicas e 17 faltas pessoais.

A Sanjoanense conseguiu 15 cestas de campo e transformou 9 lances livres em 28 tentados (32 142%), sendo punida com 2 faltas técnicas e 14 faltas pessoais.

Illiabum, 47 - Esgueira, 51

Jogo no Estádio Municipal de Ílhavo, no sábado, à noite. A'rbitros — Manuel Neves e Manuel Arroja.

ILLIABUM — Cachim 0-2-0, Coelho 5-1-0, Júlio Matias 5-5-0, Elmano 2-4-0, Vinagre 8-10-1, Narsindo 0-2-0 e Pessoa 0-2-0.

ESGUEIRA — José Calisto 3-0-0, Raul 4-0-0, Virgílio 2-4-0, César 11-9-3, Armando Vinagre 2-11-2, Ravara e Fernando Vinagre.

1.ª parte: 20-22. 2.ª parte: 26-24. Prolongamento: 1-5.

Os ilhavenses alcançaram 18 cestas de campo e converteram 11 lances livres em 24 tentados (45 833%), sendo punidos com 16 faltas pessoais.

Os esgueirenses obtiveram 19 cestas de campo e transformaram 13 lances livres em 20 tentativas (65%), sendo castigados com 19 faltas pessoais.

Sangalhos, 63 - Amoníaco, 21

Jogo no Capo do Colégio, Sangalhos, no sábado, à noite. A'rbitro — Manuel Bastos.

SANGALHOS — Amândio 4-4, Feliciano 4-4, Rosa Novo 6-16, Valdemar 12-8, Alberto 4-0, Calvo, Afonso 0-1, Carlos, Carvalho e Antero.

AMONÍACO — Eng.º Drumond,

Continua na página 6

O MELHOR EM CAMPO

O guarda-redes JOSÉ BASTOS volta hoje a ser escolhido para figurar nesta secção.

O número um do onze do Beira-Mar, com um punhado de difíceis e brilhantes intervenções, na altura em que o Sporting, em derradeiro esforço, havia redobrado o ímpeto do seu assédio às redes aveirenses, foi o mais firme obstáculo com que o poderoso grupo visitante deparou.

Com as suas eficientes defesas, em estilo extremamente sóbrio, JOSÉ BASTOS foi um dos beiramarenses que mais contribuiram para a conquista do empate, preciosíssimo, que o Beira-Mar obteve.

Felicitando o valoroso guardião e evidenciando o seu trabalho — cumprimos apenas, e muito gostosamente, em elementar dever de justiça.

Secção dirigida por

António Leopoldo

DESPORTOS

Ex.mo Sr.
João Sarabando

A